

# TRIBUZI, Bandeira lírica do amor social

**Nauro Machado**

**B**andeira Tribuzi não teve a venturosa sorte de ver sua vasta obra criadora enfiada em um único volume, proposta que, apresentada ao Conselho Federal de Cultura por Josué Montello, quando do cinquentenário de nascimento do autor de Pele e Osso, só viria a se tornar realidade dois anos após a morte do poeta, com a publicação do volume *Poesias Completas* (Editora Cátedra-INL), em 1979.

Fruto de uma existência abruptamente cortada quando ainda tinha tanto a nos oferecer e na hora mesmo em que a sua visão ascendia a novos cumes e mais se apurava no lirismo a tomar dimensões macrocósmicas na panorâmica de um universo onde o único e possível epicentro é o "infinito maior do próprio homem", conforme vaticinou no seu poema "Antroponáutica", Bandeira Tribuzi intuiu uma outra realidade a ser vetoriada na síntese do seu ser numa dupla abrangência prospectiva: a da ruptura poética no meio ao qual voltou depois de sua vivência coimbrã e a de reconstituição, apesar e contra mesmo o epos de sua lírica ancestralidade portuguesa, captar a realidade verdadeira da terra de onde criança partira e cuja crueldade visual era outra daquela de onde retornara, exceto na miséria dos sistemas arbitrários semelhantes e tangenciados por uma lira cujos sons eram os escutados pelos ouvidos abertos às rachaduras do chão baldio da fome coletivizada.

Lançado aqui, logo ao chegar, em 1947, seu livro de estréia *Alguma existência*, com poemas muitas vezes sem vírgulas, pontos ou outros quaisquer sinais lingüísticos utilizados para o discernimento linear da frase vocabularmente castiça e pura e no classicismo avesso a qualquer experimentalismo (e que aqui era como uma muralha intransponível construída sobre os muros de uma Atenas que se orgulhava de possuir o último sabiá ou curió de nossas matas pretensamente gregas), Tribuzi, a princípio, deve ter encontrado somente mofa ou escárnio por parte dos que cultivavam civilmente o solene soneto parnasiano, a lubricidade caduca a inferir-se e entranhar-se em modelos de estatuárias mitológicas ou a ode heróica a entronizar, nos desfiles militares, as rimas bombasticamente patrióticas. Isso quando não se atinham, nossos bardos e aedos, aos acrósticos esmiuçadores das virtudes ou belezas femininas servidas no bolo de aniversário onde se banquetevavam nossos pretensos helenos, defensores servis de um passado servido na afrodisíaca carne expos-



ta à carícia mais frustrate ou subconscientemente à mais solerte e bestial das intenções.

E o mais importante: Tribuzi para aqui voltou como um homem animal político, na definição milenar de Aristóteles. Como um técnico capaz de agenciar novas mudanças sociais. Como um árbitro de tendências estéticas que, timidamente embora, já se aventuravam a vir de novos nomes, cá e de fora, sobretudo os de fora, na divulgação do que além das nossas fronteiras se expandia nos experimentalismos do século XX, com nomes que se chamavam Fernando Pessoa, Antônio Boto, Mário de Sá-Carneiro, José Régio, Eluard, Aragon, Breton e muitos outros.

A fase cronológica de sua temporada coimbrã, ele a quis cunhada à semelhança, embora por motivos diversos, de quem entouu uma das mais sentidas canções de exílio jamais escritas em língua humana, nos poemas que pela primeira vez reunidos nessas *Poesias Completas*, nos fazem apreender a psicologia de quem se sabia "no" exílio e não fruto "do" exílio (Canções no Exílio, Portugal, 45/46), cantando desterrado no ego a viver mais consigo que com os outros e a quem não interes-

sava a paisagem empírica para sentir-se viver na "fotografia física" que a todos enganava, pois o que dele, Tribuzi, ele via

"não era mais que a cisterna  
onde a minha face interna  
se escondia.  
E essa face ninguém via"

E essa face que ninguém via

"fugindo de mim com medo  
de desvendar o segredo  
por que anseio  
e que receio.  
Fugindo aos outros, temendo  
serem afinal o espelho,  
dos que me afastam de mim."

ele, o desterrado, a trazia irrevogavelmente presa a si, espelho físico do seu público, embora a todos enganasse (como a todos enganava). E à dessemelhança, assim, do Poeta Maior que tornara pública a universal sua saudade, pedindo a Deus que não morresse sem que antes ainda visse as palmeiras onde canta o sabiá, Tribuzi, lírico e exilado também, já se introjetava, por influências de idéias pairan-

"nunca ninguém me  
disse o que eu (se o  
fora) me dissera"

"nunca nada me foi  
aquilo que o penso",

já prevalecendo aí, contudo, ou aí se fazendo pressentir, seu comprometimento futuro com uma poética que o fizesse igual a todos:

"nunca eu seja um animal  
excepcional".

Essa é, pois, a igualdade que Tribuzi revela logo no primeiro poema do seu livro *Alguma existência*, publicado em São Luís, após o retorno de Coimbra:

"entrego minha alma ao céu de abril e à  
rebeldia."

A um céu de abril correspondente a manhãs claras de uma "Maria claríssima de carne completa", e à rebeldia que seria doravante o eixo sobre o qual girariam as molas e engrenagens frementes de uma ideologia a ganhar a estrada do amanhã, antevista por um homem corporal como os demais, sabendo embora que

tes no ar, de demandas psicológicas múltiplas e às vezes contraditórias, como no poema 14: